

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MATEUS BALDINI FABRI**

**O IMPACTO DE PROGRAMAS EDUCATIVOS SOBRE CONHECIMENTOS,  
ATITUDES E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES QUANTO ÀS INFECÇÕES  
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA E  
REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CIRURGIÃO-DENTISTA**

**ALFENAS/MG**

**2025**

**MATEUS BALDINI FABRI**

**O IMPACTO DE PROGRAMAS EDUCATIVOS SOBRE CONHECIMENTOS,  
ATITUDES E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES QUANTO ÀS INFECÇÕES  
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA E  
REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CIRURGIÃO-DENTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de Bacharel em Odontologia, pela  
Universidade Federal de Alfenas.

Orientadora: Sara Ferreira dos Santos Costa

**ALFENAS/MG  
2025**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Fabri, Mateus Baldini.

O impacto de programas educativos sobre conhecimento, atitudes e práticas de adolescentes quanto às infecções sexualmente transmissíveis : uma revisão de literatura e reflexões sobre o papel do cirurgião-dentista / Mateus Baldini Fabri. - Alfenas, MG, 2025.

39 f. : il. -

Orientador(a): Sara Ferreira dos Santos Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Infecções Sexualmente Transmissíveis. 2. Comportamento Sexual. 3. Adolescente. 4. Educação. 5. Odontologia. I. Costa, Sara Ferreira dos Santos , orient. II. Título.

**MATEUS BALDINI FABRI**


**O IMPACTO DE PROGRAMAS EDUCATIVOS SOBRE CONHECIMENTOS,  
ATITUDES E PRÁTICAS DE ADOLESCENTES QUANTO ÀS INFECÇÕES  
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA E  
REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CIRURGIÃO-DENTISTA**

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para aprovação na disciplina de TCC II, pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Odontologia.

Aprovada em: 12 de novembro de 2025

Assinatura:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sara Ferreira dos Santos Costa  
Universidade Federal de Alfenas

Documento assinado digitalmente  
 SARA FERREIRA DOS SANTOS COSTA  
Data: 28/11/2025 10:32:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Reis Oliveira  
Universidade Federal de Alfenas

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luiza Dias Leite de Andrade  
Universidade Federal de Alfenas

Dedico este trabalho aos meus pais e avó, que sempre fizeram o impossível e inimaginável para que eu pudesse me dedicar aos estudos, e ao meu falecido tio e padrinho, Dr. Raul Coutinho, minha maior inspiração profissional na área da saúde.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos meus familiares e amigos que de alguma forma torceram por mim ao longo de todos esses incríveis e gratificantes anos. Obrigado por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditei, e por sempre me apoiarem nos piores e melhores momentos.

Aos meus amigos de Alfenas, por terem me mostrado que a vida pode ser boa, mesmo com situações tão adversas, e por me lembrarem todos os dias de como a vida é muito mais leve na presença de pessoas que querem nosso bem.

Aos meus pais, Marcos e Sandra, e a minha avó, Maria Tereza, por todo esforço para que eu pudesse concluir a graduação.

A minha orientadora Sara Ferreira dos Santos Costa pelos ensinamentos, oportunidade e suporte no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do curso de Odontologia, por todos ensinamentos e apoio fornecido ao longo desses anos.

“Quando o homem trata a vida como arte, o cérebro é o próprio coração”  
(Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray, 1890, p. 272)

## RESUMO

O aumento do número de casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em adolescentes é uma preocupação global de saúde pública. Neste cenário, a falta de informações precisas sobre ISTs e práticas sexuais seguras pode contribuir para a disseminação dessas doenças. O objetivo desse estudo foi avaliar o impacto de programas educativos em conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes quanto à relação sexo oral e ISTs, bem como discutir sobre o papel do cirurgião-dentista neste contexto. A presente revisão de literatura foi realizada nas bases de dados PubMed/MEDLINE, LILACS e Scielo usando as palavras-chave “Sexually Transmitted Diseases”, “Oral Cavity”, “Adolescent”, “Sex Education”, “Behavior”, “Knowledge”, “Awareness” e “Dental Care”, sem restrição de data ou idioma. Diversos estudos indicam que programas educativos eficazes aumentam significativamente o conhecimento dos adolescentes sobre as ISTs e suas transmissões. As intervenções educativas efetuadas em estudos transversais também têm mostrado impacto positivo nas atitudes dos adolescentes. Programas educativos que promovem discussões amplas e profundas sobre proteção sexual aumentam a aceitação de métodos preventivos, mas sua adoção ainda é limitada por barreiras sociais, culturais e pela falta de acesso a materiais preventivos. O cirurgião-dentista desempenha um papel crucial na educação de seus pacientes, tanto adolescentes quanto seus responsáveis, sobre os riscos de transmissão de ISTs por meio do sexo. O profissional pode desmistificar tabus, propagar informações assertivas, incentivar o uso de métodos de proteção, bem como diagnosticar ISTs com manifestações orais. Além disso, o cirurgião-dentista pode contribuir para a criação e implementação de programas educativos que abordem o sexo oral e ISTs, ajudando a disseminar informações corretas e acessíveis para adolescentes. Nesse sentido, a atuação do cirurgião-dentista vai além da saúde bucal, contribuindo para a educação sexual e a prevenção das ISTs em um contexto amplo de saúde pública. Os achados desta revisão reforçam a necessidade de programas contínuos e adaptados à realidade dos adolescentes.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis; Comportamento Sexual; Adolescente; Educação; Odontologia.



## **ABSTRACT**

The increase in cases of sexually transmitted infections (STIs) among adolescents is a global public health concern. In this context, the lack of accurate information about STIs and safe sexual practices may contribute to the spread of these diseases. The aim of this study was to evaluate the impact of educational programs on adolescents' knowledge, attitudes, and practices regarding oral sex and STIs, as well as to discuss the role of the dental surgeon in this context. This literature review was conducted in the PubMed/MEDLINE, LILACS, and Scielo databases using the keywords "Sexually Transmitted Diseases", "Oral Cavity", "Adolescent", "Sex Education", "Behavior", "Knowledge", "Awareness" and "Dental Care", with no restrictions on date or language. Several studies indicate that effective educational programs significantly increase adolescents' knowledge about STIs and their transmission. Educational interventions carried out in cross-sectional studies have also shown a positive impact on adolescents' attitudes. Educational programs that promote comprehensive and in-depth discussions on sexual protection increase the acceptance of preventive methods, but their consistent adoption remains limited by social and cultural barriers and by lack of access to preventive materials. The dental surgeon plays a crucial role in educating patients—both adolescents and their guardians—about the risks of STI transmission through sexual contact. This professional can help dispel taboos, provide accurate information, encourage the use of preventive methods, and diagnose STIs that present with oral manifestations. Furthermore, dental surgeons can contribute to the development and implementation of educational programs addressing oral sex and STIs, helping to disseminate accurate and accessible information among adolescents. In this sense, the role of the dental surgeon extends beyond oral health, contributing to sexual education and STI prevention within a broader public health framework. The findings of this review reinforce the need for continuous programs tailored to the realities of adolescents.

**Keywords:** Sexually Transmitted Infections; Sexual Behavior; Adolescents; Education; Dentistry

## LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (do inglês: <i>Acquired Immune Deficiency Syndrome</i> )
CAP	Conhecimentos, atitudes e práticas
DSTs/DST	Doenças sexualmente transmissíveis
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana (do inglês: <i>Human Immunodeficiency Virus</i> )
HPV	Papilomavírus humano (do inglês: <i>Human Immunodeficiency Virus</i> )
ISTs/IST	Infecções sexualmente transmissíveis
KAP	Conhecimento, atitude e prática (do inglês: <i>Knowledge, attitude and practice</i> )
KABP	Conhecimento, atitude, comportamento e prática (do inglês: <i>Knowledge, attitude, behaviour and practice</i> )
OMS	Organização Mundial de Saúde
UNIFAL-MG	Universidade Federal de Alfenas – Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>15</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	15
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
3.1	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO .....	16
3.2	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	16
<b>4</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>17</b>
4.1	CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DOS ADOLESCENTES FRENTE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	17
4.2	O IMPACTO DE PROGRAMAS EDUCATIVOS SOBRE OS CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DOS ADOLESCENTES FRENTE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	22
4.3	O PAPEL DO CIRURGIÃO-DENTISTA NO CONTEXTO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES	24
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é definida como o período biopsicossocial que abrange dos 10 aos 19 anos de idade (OMS, 2009). No Brasil, estima-se que 28 milhões de brasileiros integram essa faixa etária, compondo cerca de 13,8% da população total (IBGE, 2022). É importante reconhecer que esse período de transição para a vida adulta envolve mudanças físicas, cognitivas, sociais e emocionais que influenciam a forma como os jovens percebem e se envolvem em atividades sexuais. O aumento da autonomia, a influência dos pares, o desenvolvimento da identidade e a exposição a informações de diferentes fontes contribuem para que a sexualidade seja explorada de maneira experimental, muitas vezes sem a adoção de medidas de proteção adequadas. Compreender esse contexto é fundamental para explicar a ocorrência de práticas sexuais de risco, como a não utilização de preservativo, e fundamenta a necessidade de intervenções educativas que promovam conhecimento, atitudes e práticas seguras na adolescência (Strome *et al.*, 2022; Voyiatzaki *et al.*, 2021).

A prática sexual na adolescência constitui um período crítico para a saúde sexual e reprodutiva, caracterizado por iniciação precoce, exploração de identidade sexual e experimentação comportamental. Estudos em diferentes países indicam que entre 30% e 50% dos estudantes do ensino médio são sexualmente ativos, sendo que cerca de metade desse grupo não utilizou preservativo em algum momento durante a relação sexual (CDC, 2024; Monte, *et al.*, 2024; OMS, 2016; Sánchez *et al.*, 2013). O uso inconsistente ou ausente de preservativo entre adolescentes aumenta significativamente o risco de aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), além de representar risco para gravidez não planejada. Fatores associados ao comportamento sexual de risco incluem gênero, nível socioeconômico e consumo de álcool e outras substâncias, que podem comprometer a tomada de decisão segura durante a relação sexual. Dessa forma, a adolescência configura-se como um período vulnerável em que estratégias educativas integradas, incluindo orientação sobre uso de preservativo e prevenção de ISTs, são fundamentais para reduzir riscos à saúde (Sánchez *et al.*, 2013).

As ISTs são comumente reconhecidas como infecções resultantes da transmissão de um micro-organismo patogênico por meio do contato sexual (Wihlfahrt *et al.*, 2023). Elas podem ser causadas por bactérias, vírus, parasitas ou outros micro-

organismos, e são principalmente transmitidas por contato sexual com um indivíduo infectado sem o uso de preservativos, seja por via oral, anal ou vaginal. Todavia, a transmissão também pode ocorrer de forma vertical, de mãe para filho, durante a gestação, parto ou amamentação. Além disso, de forma menos frequente, a transmissão pode ocorrer pelo contato de secreções corporais contaminantes com mucosas ou pele não íntegra (OMS, 2025; Tuddenham *et al.*, 2022).

Diversos tipos de ISTs são reconhecidos; entre as mais comuns destacam-se herpes genital, infecção por papilomavírus humano (HPV), gonorreia, sífilis, infecção por clamídia, síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), vírus da imunodeficiência humana (HIV) e tricomoníase. Anteriormente denominadas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), essas infecções passaram a ser referidas como ISTs devido à possibilidade de que um indivíduo esteja infectado e transmita a infecção mesmo na ausência de sinais ou sintomas clínicos (OMS, 2023).

Atualmente, as ISTs são consideradas um grande problema de saúde pública mundial, tanto em países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento, e tem afetado principalmente pessoas jovens. Durante o período de 1985 a 1996, foi observado um declínio nos casos de ISTs, como gonorreia, sífilis e clamídia, em países desenvolvidos, tanto na população geral quanto entre adolescentes. Todavia, a partir da metade final da década de 1990, o diagnóstico dessas infecções sofreu um aumento especialmente entre os adolescentes de 16 a 19 anos de idade em diversos países europeus (Hasegawa *et al.*, 1996). Diversos outros estudos têm apontado um crescimento expressivo das ISTs entre adolescentes nas últimas décadas (Carvalho *et al.*, 2020; Shannon e Klausner, 2018; Voyiatzaki *et al.*, 2021; Agwu, 2020). Entre os jovens sexualmente ativos, observa-se alta frequência de práticas preventivas inadequadas, refletindo-se no aumento de infecções como clamídia, gonorreia, sífilis e HPV. Dados epidemiológicos internacionais indicam que as taxas dessas infecções vêm crescendo progressivamente, com a sífilis apresentando o aumento mais acentuado, especialmente entre adolescentes de 15 a 24 anos. O HPV, por sua vez, destaca-se pela elevada prevalência e por sua associação direta com o câncer de orofaringe. Estima-se ainda que cerca de um em cada quatro adolescentes sexualmente ativos esteja infectado com alguma IST e que um em cada cinco novos diagnósticos de HIV ocorra nessa faixa etária. Além dos fatores biológicos, determinantes sociais como pobreza, discriminação e barreiras de acesso aos serviços de saúde ampliam a vulnerabilidade, especialmente entre populações

LGBTQIA+ e transgênero. Soma-se a isso a limitação do rastreamento, visto que uma proporção significativa de casos de clamídia e gonorreia não é detectada quando o exame se restringe à via urogenital, o que contribui para a subnotificação e a persistência das infecções (Agwu, 2020; Shorey e Chua, 2022).

Além de compreender a epidemiologia e os fatores de risco associados às ISTs na adolescência, é fundamental considerar o contexto sociocultural e econômico em que os programas de educação em saúde são implementados. Nesse sentido, os estudos sobre conhecimentos, atitudes e práticas (KAP, do inglês *knowledge, attitude, and practice*), ou sobre conhecimentos, atitudes, comportamentos e práticas (KABP, *knowledge, attitude, behaviour and practice*), constituem ferramentas metodológicas valiosas para investigar o nível de conhecimento dos adolescentes, suas atitudes em relação à sexualidade e ISTs, bem como suas práticas de saúde, incluindo comportamentos sexuais e procura de serviços de atenção à saúde. Esses estudos apresentam a vantagem de serem relativamente simples de aplicar, produzirem dados quantificáveis e permitirem interpretação clara, contribuindo para o planejamento e avaliação de programas educativos que promovam comportamentos sexuais seguros e prevenção de ISTs (Launiala, 2009).

No entanto, observa-se uma escassez de estudos na literatura que avaliam a eficácia de programas educativos sobre os conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes, principalmente em relação a prática de sexo oral e sua relação com ISTs. Nesse contexto, destaca-se o papel do cirurgião-dentista, tanto no diagnóstico quanto como agente promotor de saúde, uma vez que diversas ISTs apresentam manifestações orais. Assim, o domínio de informações sobre comportamentos de risco, manifestações clínicas, sintomatologia e a relação das ISTs com o sexo oral é fundamental para que os cirurgiões-dentistas possam atuar de forma efetiva em programas educativos, contribuindo para a prevenção e promoção da saúde entre adolescentes (Kanmodi, 2023; Samkange-Zeeb, 2011).

Diante desse cenário, o presente estudo consistiu em uma revisão de literatura narrativa com o objetivo de investigar o impacto de programas educativos nos conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes em relação ao sexo oral e às ISTs, bem como discutir o papel do cirurgião-dentista como promotor de saúde nesse público. Com base nesse enfoque, buscou-se identificar mudanças nos comportamentos dos adolescentes após a participação em programas educativos, apontar lacunas e limitações dessas intervenções e refletir sobre a contribuição do

cirurgião-dentista tanto em programas de educação em saúde quanto no diagnóstico e prevenção das ISTs no ambiente clínico.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo desse estudo foi avaliar o impacto de programas educativos em conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes quanto a relação sexual e ISTs, bem como realizar a discussão acerca do papel do cirurgião-dentista neste contexto, tendo em vista sua importância como promotor de saúde para o público jovem.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar o nível de conhecimento dos adolescentes sobre ISTs antes e após participação nos programas educativos.
- Comparar mudanças nas atitudes e práticas relacionadas à sexualidade após as intervenções educativas.
- Identificar lacunas e limitações nos conteúdos e estratégias dos programas analisados.
- Discutir a atuação do cirurgião-dentista nos programas de educação sexual voltados ao público adolescente.
- Analisar a importância da prevenção e orientação sobre ISTs durante o atendimento odontológico.



### 3 METODOLOGIA

Na presente revisão de literatura foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scielo e LILACS, sem restrição de data ou idioma, utilizando as seguintes palavras-chave: “Sexually Transmitted Diseases”, “Oral Cavity”, “Adolescent”, “Sex Education”, “Behavior”, “Knowledge”, “Awareness” and “Dental Care”. O levantamento bibliográfico foi realizado entre fevereiro de 2024 até outubro de 2025. Todos os artigos foram analisados em três etapas, sendo a seleção inicial feita pelo título do artigo e, em seguida, pela análise dos resumos. Os estudos selecionados após estas etapas prévias foram avaliados na íntegra. Adicionalmente, foi realizada a análise das referências dos artigos selecionados para complementação da busca. Ao final, um total de 20 artigos foram utilizados para a construção deste estudo.

#### 3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Para serem incluídos, os estudos deveriam abordar o conhecimento ou práticas referentes às infecções sexualmente transmissíveis e/ou sexo oral, ser desenvolvido em público adolescente ou analisar o papel do cirurgião-dentista frente a essas infecções, tanto para diagnóstico quanto para prevenção.

#### 3.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídos resumos de congressos, cartas ao editor, editoriais comentando sobre outros artigos publicados e quaisquer estudos que não cumpriam com os critérios de elegibilidade.

## **4 REVISÃO DA LITERATURA**

### **4.1 Conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes frente às infecções sexualmente transmissíveis**

A investigação dos conhecimentos, atitudes e práticas (CAP) dos adolescentes em relação às ISTs constitui um componente essencial para o planejamento de estratégias educativas eficazes voltadas à promoção da saúde. A adolescência é um período marcado pela busca de identidade, autonomia e novas experiências, o que pode influenciar comportamentos e percepções acerca da sexualidade e do risco de infecção. Diversos estudos têm utilizado o modelo CAP para identificar lacunas de informação, atitudes equivocadas e práticas inadequadas relacionadas à prevenção das ISTs, fornecendo subsídios importantes para o desenvolvimento de políticas públicas e programas educativos direcionados a esse público.

Nesse contexto, pesquisas realizadas em diferentes países têm buscado compreender como adolescentes de diferentes realidades socioculturais percebem e lidam com questões relacionadas às práticas sexuais e à prevenção das ISTs, contribuindo para identificar fatores que afetam o nível de conhecimento, as atitudes e os comportamentos relacionados à saúde. Em um estudo transversal conduzido em duas escolas públicas de ensino médio no centro-norte da cidade de Alberta, Canadá, envolvendo 199 participantes (103 homens e 96 mulheres) com idades entre 15 e 19 anos, houve a aplicação de questionários em três fases: a primeira sobre ISTs, a segunda sobre o uso de preservativos, e a terceira sobre experiências e comportamentos sexuais. A participação nesta última fase foi limitada a 170 alunos (85 homens e 85 mulheres) devido à exigência de autorização dos pais. A análise dos dados indicou que os adolescentes não possuíam domínio adequado sobre o tratamento de HIV/AIDS e outras ISTs, no entanto apresentaram adequado conhecimento sobre o uso de preservativos tanto como método contraceptivo quanto para prevenção das ISTs (Varnhagen *et al.*, 1991).

Enquanto o estudo anterior foi desenvolvido em escolas urbanas, outra pesquisa realizada em uma comunidade rural do centro-sul de Alberta, Canadá, incluiu 69 adolescentes do ensino médio (34 homens e 35 mulheres) com idades entre 16 e 19 anos, investigando CAP frente às ISTs. Os pesquisadores aplicaram um questionário para avaliar o conhecimento dos adolescentes sobre ISTs, suas atitudes

em relação ao uso de preservativos, bem como as experiências e influências sexuais. Os resultados indicaram que 44% dos homens e 56% das mulheres foram considerados sexualmente ativos, e a maioria dos participantes demonstrou um alto conhecimento sobre ISTs. Adicionalmente, para 71% dos alunos avaliados, a decisão de se envolver em relações sexuais era influenciada majoritariamente pelo parceiro. Sob outro enfoque, a influência da família foi considerada mínima para os adolescentes com vida sexual ativa, todavia, para os que não eram sexualmente ativos, teve maior significância. A influência da escola e de agentes de saúde também foi considerada baixa, com menos de 10%. Neste mesmo estudo, observou-se que os participantes foram capazes de reconhecer tanto o uso contraceptivo dos preservativos quanto a sua função na prevenção de ISTs. Além disso, o uso de preservativos foi mais frequente entre os adolescentes com um maior número de parceiros sexuais, com 56% indicando fazer uso sempre ou com frequência. A pesquisa demonstrou que 86% dos alunos acreditavam que deveriam carregar preservativos consigo e que o uso deveria ser discutido antes da relação sexual. Entretanto, para 81% dos adolescentes sexualmente ativos, o uso do preservativo poderia afetar a sensação e a espontaneidade da relação (Svenson *et al.*, 1992).

No Brasil, em um estudo de base populacional, de Gonçalves *et al.* (2013) investigaram o conhecimento sobre a transmissão do HIV entre 3.949 adolescentes de Pelotas (RS), com idade média de 11,3 anos ( $\pm 0,3$ ). O conhecimento foi avaliado por meio de um questionário autoaplicado composto por cinco perguntas sobre formas reais e falsas de transmissão do HIV — relação heterossexual, relação homossexual, compartilhamento de seringas, beijo na boca e abraço em pessoa com AIDS. Os resultados mostraram percentuais de erro de 17,2% para transmissão em relações heterossexuais, 44,1% em relações homossexuais, 34,9% para compartilhamento de seringas, 25,6% para beijo na boca e 16,2% para abraço. Apenas 41% dos adolescentes responderam corretamente às três perguntas sobre transmissão real. O menor nível de conhecimento foi observado entre meninos, adolescentes de famílias com menor renda e filhos de mães com baixa escolaridade.

De forma semelhante, outra investigação de natureza transversal analítica e censitária que abordou os aspectos importantes sobre o conhecimento e as práticas relacionadas à sífilis, em uma amostra de 598 participantes de 18 a 19 anos, observou que 64,7% dos entrevistados possuem conhecimento adequado ou regular sobre o tema. Apesar de 75,4% apresentarem uma atitude positiva em relação à sífilis, os

dados indicam que, dentre os que já iniciaram a atividade sexual, 73% possuem práticas inadequadas. Ademais, os homens têm 52% menos chance de adotar práticas adequadas e 39,6% menos chance de ter conhecimento adequado quando comparados com as mulheres. Morar sozinho, com parentes ou amigos aumenta em 4,57 vezes as chances de ter um conhecimento regular ou adequado quando comparado com dividir moradia com o parceiro. A pesquisa aponta também que práticas adequadas estão relacionadas com o nível de escolaridade do pai, o qual, quando possui apenas o ensino fundamental completo, há uma redução de 56% na probabilidade de os filhos adotarem práticas adequadas (Carvalho *et al.*, 2020).

Também com o intuito de compreensão dos fatores que influenciam o comportamento sexual e reprodutivo de adolescentes, no estudo de Mostert *et al.* (2020), foi investigado o conhecimento e as atividades sexuais de estudantes de uma escola secundária técnica rural na província do Noroeste, África do Sul, por meio de um inquérito transversal com 79 questionários de alunos do 8º ao 12º ano (3º ano do ensino médio), servindo como linha de base antes da implementação do programa *Stepping Stones*, voltado à prevenção do HIV e da gravidez adolescente. Os resultados mostraram que 26,6% dos estudantes eram sexualmente ativos, com idade média da primeira relação sexual de 15,2 anos ( $\pm 2,3$ ), e apenas 41,2% utilizavam contraceptivos. Mais da metade (54,8%) relatou dificuldade em conversar com parceiros sobre preservativos, e a maioria dos sexualmente ativos não se arrependeu, citando “estar apaixonado” (57,9%) como principal motivo. Quase metade (45,5%) nunca havia ouvido falar de DSTs, sendo maior o conhecimento dos homens sobre o tema (80%).

Outro estudo transversal observacional analisou uma amostra de 1.833 participantes e os resultados mostraram que as ISTs com as taxas mais altas de reconhecimento por pessoas jovens foram: HIV (97,7%), HPV (97%) e clamídia (92,2%). Além disso, herpes genital (89,9%), sífilis (81,9%), gonorreia (72,1%), hepatite C (59,4%), hepatite B (57,1%), tricomoníase (39,3%), pediculose púbica (29,4%), molusco contagioso (12,9%), micoplasma (11,6%) e amebíase (7,4%) também foram citadas. Quando questionados sobre a associação das ISTs com a possibilidade de causar cânceres anogenitais, 51% dos participantes identificaram corretamente o HPV, 17,9% reconheceram o HIV e 12,1% a herpes genital, entretanto, 43,2% não souberam responder sobre o tema. Em relação às ISTs que podem causar infertilidade, 22,8% citaram a clamídia, 21,1% o HIV, 17,6% a gonorreia, 12,8% a

herpes genital e 5,1% citou o micoplasma, mas, a maioria (52%) dos participantes não souberam responder sobre o tema. As vias de transmissão mais reconhecidas foram o sexo vaginal (97,2%), anal (86,1%), e oral (76,7%), todavia, o sangue (68,1%), contato com a pele (28,3%) e roupas contaminadas (9,1%) também foram citados pelos participantes. Apenas 29,7% dos entrevistados reconheciam que os preservativos oferecem proteção contra ISTs, mas, em contrapartida, 84,2% dos participantes estavam cientes de que as pílulas contraceptivas não protegem contra ISTs, embora 11,1% não souberam responder sobre o tema (Voyiatzaki *et al.*, 2021).

Nesse mesmo estudo, a avaliação dos comportamentos de risco dos entrevistados revelou que 40,4% dos participantes não utilizaram preservativo em nenhuma relação sexual. Outros 27,9% admitiram não utilizar preservativos quando estão em relacionamentos estáveis e 27,2% disseram não utilizar apenas após a testagem do parceiro. Quanto à frequência de testagem para ISTs, 48,6% reportaram nunca terem realizado o teste, enquanto 23% afirmaram realizar testagem regularmente através de exames de sangue, e 12,1% faziam testes apenas após suspeita de sintomas. Sobre o histórico prévio de IST, 90% dos participantes não relataram infecções anteriores, 6,1% relataram infecção prévia e notificaram seus parceiros e 1% relatou ter se infectado anteriormente, mas não notificou os parceiros.

A análise sociodemográfica do estudo indicou que mulheres, indivíduos com empregos de tempo integral, moradores de áreas urbanas e em relacionamentos permanentes apresentaram pontuações mais altas de conhecimento sobre ISTs. Por outro lado, homens, desempregados e que moram em vilarejos ou cidades pequenas tiveram pontuações mais baixas. Os autores notaram também que o maior conhecimento sobre ISTs estava associado a fatores como maior idade, maior número de parceiros sexuais, estar em relacionamento estável e a orientação sexual (homossexuais ou bissexuais). Já a educação, tipo de emprego e residência não mostraram influência significativa nos níveis de conhecimento (Voyiatzaki *et al.*, 2021).

Silva *et al.* (2022) investigaram, através de um estudo transversal, 746 jovens entre 14 e 24 anos, no município de Paredes, Portugal, dos quais 50,5% já eram sexualmente ativos, iniciando em média aos 16,7 anos, sendo mais cedo entre meninos (16,2 anos) do que entre meninas (17,2 anos). Cerca de 22,2% tiveram a primeira relação antes dos 16 anos, com prevalência maior entre os homens, que também relataram maior número de parceiros, com média de 2,2 no último ano. O conhecimento geral sobre ISTs foi considerado adequado por 82% dos jovens,

destacando-se o domínio sobre HIV, HPV e herpes genital. As mulheres demonstraram melhor conhecimento sobre hepatite B e HPV. Em relação à contracepção, 88,1% avaliaram seu conhecimento como adequado, principalmente sobre o uso da camisinha e da pílula anticoncepcional. Mulheres mostraram maior familiaridade com o implante contraceptivo, e jovens sexualmente ativos relataram melhor entendimento sobre anticoncepção em geral e sobre a pílula do dia seguinte. Especificamente sobre o CAP de sexo oral, Strome *et al.* (2022) realizaram um estudo com 1.215 jovens, de 14 a 24 anos, nos Estados Unidos, com coleta de dados por meio de mensagens de texto abertas realizadas em março de 2019, através do projeto *MyVoice*. Do total, 909 participantes responderam, correspondendo a uma taxa de resposta de 74,8%. Os principais motivos relatados para não usar proteção durante o sexo oral foram a falta de educação sobre o tema (22,4%), a ausência de percepção de risco de infecções sexualmente transmissíveis (19,8%), a redução do prazer (19,3%), a falta de risco de gravidez (15,7%) e a dificuldade de acesso ou o constrangimento ao comprar proteção (11,6%). Em relação à percepção de risco, 30,5% classificou o sexo oral desprotegido como de risco moderado, sendo que as mulheres atribuíram níveis mais altos de risco do que os homens. Cerca de 88% reconheceram a transmissão de ISTs como o principal risco, e poucos mencionaram a possibilidade de gravidez. Para aumentar o uso de proteção, os jovens sugeriram melhor educação sexual (53,7%), maior normalização do tema na mídia e cultura (19,1%), acesso facilitado e gratuito (15%) e opções mais confortáveis e com melhor gosto (10,5%). Os resultados mostram que os jovens subestimam os riscos do sexo oral sem proteção, por acreditarem que é menos perigoso por não causar gravidez, e demonstram insatisfação com os métodos disponíveis.

Diante da relevância de compreender os conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes em relação às ISTs, estudos recentes têm buscado quantificar o nível de informação dos jovens sobre diferentes tipos de ISTs, suas formas de transmissão, potenciais consequências para a saúde e uso de métodos preventivos e contraceptivos. Essa abordagem permite identificar lacunas de conhecimento, atitudes inadequadas e comportamentos de risco, fornecendo subsídios importantes para a implementação de programas educativos direcionados à prevenção e promoção da saúde entre adolescentes (Voyiatzaki *et al.*, 2021; Esere, 2022).

## **4.2 O impacto de programas educativos sobre os conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes frente às infecções sexualmente transmissíveis**

Diante das lacunas de conhecimento e das práticas de risco observadas entre adolescentes, diversas pesquisas têm avaliado a eficácia de programas educativos voltados à prevenção das ISTs. Esses estudos buscam compreender como intervenções estruturadas podem influenciar os conhecimentos, atitudes e comportamentos dos jovens, promovendo práticas sexuais mais seguras e o fortalecimento da conscientização sobre prevenção de ISTs.

Um estudo transversal realizado em duas escolas vernáculas na cidade de Surat, na Índia Ocidental, avaliou a eficácia do treinamento em educação sexual para adolescentes de 15 a 18 anos por meio da aplicação de questionários antes e depois da intervenção. Os resultados mostraram que 96-97% dos alunos reconheceram a necessidade de educação sexual. Além disso, os entrevistados preferiram os profissionais de saúde como principais transmissores de informações sobre educação sexual, com os professores ocupando a segunda posição, tanto antes quanto após a intervenção. A influência dos pais foi significativamente baixa, variando de 6,5% antes do teste para 5% após o teste, por parte dos homens. Para as mulheres, a porcentagem se manteve em 3,7%. Embora o conhecimento sobre ISTs tenha aumentado, ainda se apresentou limitado ao AIDS/HIV, com um crescimento geral de 91% a 100% para AIDS/HIV, de 5,1% a 63% para gonorreia e de 2% a 53,4% para sífilis. Antes da intervenção, poucos alunos foram capazes de diferenciar ISTs das desordens relacionadas ao sexo ou à fertilidade, no entanto, esse número aumentou após a aplicação do teste. Quanto ao uso de preservativos, houve aumento no conhecimento: para os homens, de 32,5% para 55,6%; para as mulheres, de 10,2% para 31,4%. A prática da monogamia foi mencionada por 27,5% dos homens e 50% das mulheres antes da intervenção, enquanto que no pós-teste, houve um aumento para os homens (45,7%) e redução para as mulheres (25,7%). O contato com profissionais do sexo foi citado por 5% dos homens e 35,7% das mulheres antes da intervenção, aumentando para 23,5% e 37,1%, respectivamente, após o teste (Thakor *et al.*, 2000).

Em outro estudo transversal conduzido com 24 estudantes para avaliar os conhecimentos sobre ISTs antes e após uma intervenção sobre educação sexual desenvolvida semanalmente, totalizando 8 sessões, com a presença de um

médico, os resultados demonstraram diferenças significativas entre os *scores* dos participantes da intervenção e do grupo controle. Entre um mesmo grupo não houve diferença significativa de *score* quanto ao sexo, indicando que tanto homens quanto mulheres se beneficiaram do programa. Os participantes relataram menores comportamentos de risco e uma avaliação mais positiva dos programas de educação sexual, além de relatarem mudanças de atitudes e uma redução na crença de que múltiplos parceiros não representam um perigo à saúde após participarem da intervenção. Notavelmente, 49% dos estudantes ainda consideravam o meio do ciclo menstrual como um período seguro para relações sexuais, tanto no que diz respeito à gravidez quanto às infecções sexualmente transmissíveis (Esere, 2008).

O estudo de Pakarinen *et al.* (2019) foi conduzido com uma amostra de adolescentes finlandeses (14-15 anos), através de uma intervenção com questionários anônimos para uma análise comparativa pré e pós-intervenção, a qual consistiu em um programa de educação sexual com metodologia participativa e prática, incluindo aulas interativas, materiais informativos e discussões mediadas por profissionais de saúde. Os resultados indicaram um aumento estatisticamente significativo no conhecimento geral dos participantes sobre saúde sexual, particularmente em relação à contracepção e aos riscos e prevenção de ISTs, o que resultou em redução consistente de conceitos errôneos sobre gravidez e infecções. Observou-se, também, uma melhoria na atitude frente à responsabilidade sexual e ao uso de preservativos, com os jovens reportando maior confiança para discutir a sexualidade e maior aceitação de práticas seguras, o que foi correlacionado com um crescimento na frequência de comunicação sobre o tema com pais e parceiros. Embora o estudo demonstre a eficácia de programas educativos escolares em melhorar o conhecimento e as atitudes, confirmando que a educação sexual precoce pode postergar o início da atividade sexual e aumentar o uso de proteção, as diferenças de gênero persistem, com as mulheres exibindo melhor compreensão sobre riscos quando comparadas aos homens, que possuíam maior risco comportamental.

Um estudo recente experimental envolveu 160 participantes distribuídos em quatro escolas, com 80 participantes compondo o grupo controle e outros 80 no grupo de intervenção. Inicialmente, 10% do grupo de intervenção relatou receber mensagens de prevenção por meio das mídias sociais, mas após a intervenção, esse número subiu para 90%, evidenciando um aumento significativo na exposição a essas



mensagens, principalmente via *Facebook Messenger* (95%). Do total de participantes, 68% mencionou o impacto positivo da intervenção, destacando o aumento na motivação para praticar sexo seguro (26%), para melhorar a comunicação com o parceiro (24,5%) e para desmistificar mitos e concepções errôneas sobre ISTs (16,5%). Em ambos os grupos, as atitudes, as normas subjetivas e o controle comportamental percebido mostraram relações positivas com a mudança de comportamento relacionada à prevenção de ISTs, todavia, essas relações foram mais intensas no grupo de intervenção. Em contrapartida, foi revelada uma falta geral de conscientização sobre a prevenção dessas infecções em ambos os grupos (Bhandari *et al.*, 2024).

#### **4.3 O papel do cirurgião-dentista no contexto das infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes**

Além de conhecer os fatores que influenciam os conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes em relação às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), é fundamental considerar o papel do cirurgião-dentista nesse contexto. Apesar de ainda escassos, estudos indicam que esses profissionais podem atuar tanto na detecção precoce de manifestações orais de ISTs quanto na educação em saúde sexual, contribuindo para a prevenção e promoção da saúde entre adolescentes (Kanmodi *et al.*, 2023; Strome *et al.* 2022)

Kanmodi *et al.* (2023) constataram, através de uma revisão de escopo, uma falta significativa de estudos que abordem o tema de prevenção de ISTs orais, especialmente no contexto do cuidado bucal. De acordo com o estudo, o sexo oral é frequentemente considerado uma prática segura em comparação com as relações genitais, mas pode transmitir ISTs de forma semelhante, principalmente quando há cortes ou lesões na boca e/ou genitália. Além disso, os autores destacam que as ISTs podem se manifestar na cavidade oral, mesmo que não tenham sido transmitidas via oral, e infecções adquiridas por outras vias também podem ser transmitidas oralmente. No contexto da Nigéria, por exemplo, foi observado que muitos profissionais de saúde bucal não possuem consciência das medidas de proteção que podem ser adotadas durante o sexo, de forma que o índice de práticas preventivas entre dentistas foi considerado baixo.

Em outro estudo, Strome *et al.* (2022) verificaram que apenas 10% da população estadunidense entrevistada praticava sexo oral seguro, demonstrando que o sexo oral desprotegido é uma prática comum em vários países e é caracterizada como problema global de saúde.

Diante desse cenário, o cirurgião-dentista assume um papel estratégico não apenas na identificação precoce de sinais e sintomas orais de ISTs, como também na orientação educativa sobre práticas sexuais seguras. A cavidade oral pode ser local de manifestações iniciais de diversas infecções, incluindo herpes simples, HPV e sífilis, e o reconhecimento dessas lesões durante consultas de rotina permite intervenções precoces, encaminhamentos adequados e aconselhamento preventivo. Dessa forma, o dentista se posiciona como um agente de saúde integral, que contribui para a redução de riscos à saúde dos adolescentes. Além disso, a atuação do cirurgião-dentista em programas educativos pode ampliar a percepção dos jovens sobre a importância do uso de barreiras de proteção relacionados à prevenção de ISTs. Considerando que o sexo oral desprotegido é uma prática comum, a integração do dentista em estratégias de educação em saúde reforça a necessidade de abordagens interdisciplinares, promovendo a conscientização sobre riscos e medidas preventivas de maneira ampla e eficaz (Kanmodi *et al.*, 2023; Strome *et al.* 2022; Voyiatzaki *et al.*, 2021; Bhandari *et al.*, 2024).

## 5 DISCUSSÃO

A análise dos dados da literatura evidencia que o conhecimento, as atitudes e as práticas dos adolescentes em relação às ISTs variam amplamente entre diferentes contextos socioculturais e educacionais. Observa-se, contudo, um padrão recorrente de lacunas no conhecimento, comportamentos de risco e baixa adesão a medidas preventivas, mesmo entre aqueles que demonstram algum nível de informação sobre o tema. Os resultados também indicam que programas educativos voltados à saúde sexual e reprodutiva têm impacto positivo na ampliação do conhecimento e na modificação de atitudes, embora a mudança de comportamento nem sempre ocorra de forma imediata ou uniforme (Carvalho *et al.*, 2020; Voyiatzaki *et al.*, 2021; Esere, 2008; Bhandari *et al.*, 2024; Varnhagen *et al.*, 1991; Thakor e Kumar, 2000; Svenson *et al.*, 1992; Silva *et al.*, 2022; Strome *et al.*, 2022; Pakarinen *et al.*, 2019; Mostert *et al.*, 2020; Gonçalves *et al.*, 2013).

O conhecimento dos adolescentes sobre as ISTs pode ser considerado satisfatório, mas apresenta variações importantes entre diferentes grupos e tipos de infecção. Observa-se um padrão de maior familiaridade com ISTs mais amplamente divulgadas, como HIV, herpes genital, gonorreia, sífilis e hepatites, enquanto infecções menos abordadas em programas educativos, como tricomoníase, molusco contagioso e micoplasmose, permanecem pouco conhecidas. Essa discrepância reflete a influência direta da exposição midiática e das estratégias de saúde pública sobre o nível de informação dos jovens, revelando que o conhecimento tende a concentrar-se nas ISTs de maior visibilidade social. Além disso, a compreensão sobre as vias de transmissão, embora satisfatória para as relações vaginais e anais, ainda é limitada no que se refere à transmissão oral e por contato indireto, o que reforça a necessidade de uma abordagem educativa mais abrangente e contextualizada sobre as diferentes vias de transmissão das ISTs.

De modo geral, os estudos analisados revelam que, embora os adolescentes apresentem bom nível de conhecimento sobre métodos contraceptivos, persistem lacunas importantes quanto à compreensão de sua eficácia na prevenção das ISTs. Observa-se uma tendência de associação do uso do preservativo principalmente à prevenção da gravidez, e não necessariamente à proteção contra ISTs, o que evidencia um descompasso entre o conhecimento teórico e a percepção prática de risco. Essa discrepância sugere que, apesar do avanço nas informações disponíveis

sobre saúde sexual, ainda há necessidade de estratégias educativas mais eficazes, capazes de integrar o entendimento sobre contracepção e prevenção de infecções, promovendo uma visão mais ampla e consciente da saúde sexual entre adolescentes (Varnhagen *et al.*, 1991; Fernández *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2022; Voyiatzaki *et al.*, 2021). Neste contexto, as percepções e crenças associadas ao uso do preservativo continuam a representar barreiras significativas à adoção de práticas sexuais seguras entre adolescentes. Questões como desconforto físico, a ideia de que o preservativo reduz o prazer ou a espontaneidade da relação e, principalmente, o constrangimento ao adquiri-lo revelam como fatores culturais e de gênero influenciam o comportamento sexual. Persiste ainda a visão de que o uso e a posse de preservativos são responsabilidades masculinas, o que reforça desigualdades e limita o protagonismo feminino nas decisões sobre proteção. Além disso, o estigma que associa o porte de preservativos à promiscuidade continua a ser um obstáculo importante, sobretudo entre jovens que ainda não iniciaram a vida sexual. Essas concepções reforçam a necessidade de intervenções educativas que abordem não apenas o aspecto informativo, mas também as dimensões socioculturais e emocionais envolvidas na sexualidade, de modo a normalizar o uso do preservativo como um ato de responsabilidade e cuidado mútuo.

Embora algumas condutas, como beijos, carícias e masturbação mútua, sejam ocasionalmente reconhecidas como formas de reduzir riscos, persiste uma visão altamente genitalizada da sexualidade, que restringe o entendimento sobre proteção e favorece comportamentos vulneráveis. Além disso, práticas como a monogamia ou o celibato são mencionadas, mas nem sempre compreendidas de forma crítica, podendo refletir mais valores morais e culturais do que uma real estratégia de prevenção. A crença equivocada de que o sexo oral é uma prática segura ilustra esse cenário, pois muitos adolescentes não o reconhecem como atividade sexual de risco por não envolver o contato genital direto, e, conseqüentemente, negligenciam o uso de proteção. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem educativa mais ampla, que contemple a diversidade das práticas sexuais (Thakor *et al.*, 2000; Fernandez *et al.*, 2012; Strome *et al.*, 2022; Kanmodi *et al.*, 2023).

Observa-se, portanto, que o conhecimento dos adolescentes sobre as ISTs e métodos de proteção, embora frequentemente percebido por eles como satisfatório, mostra-se superficial, em determinados aspectos, e desigual quando analisado em profundidade. As diferenças de gênero, idade e contexto socioeconômico continuam

a exercer influência significativa sobre o nível de informação, sendo comum que as mulheres demonstrem maior domínio de conteúdos específicos, enquanto os homens iniciam a vida sexual mais precocemente e apresentam menor compreensão sobre os riscos. Além disso, a familiaridade dos jovens com o tema tende a concentrar-se no HIV, enquanto outras ISTs, como clamídia, herpes genital e HPV, permanecem menos reconhecidas, especialmente quanto à possibilidade de infecções assintomáticas e à existência de vacinas. Esse cenário revela um hiato importante entre o conhecimento declarado e o conhecimento efetivo, reforçando que a simples exposição a informações não garante entendimento crítico ou comportamentos preventivos consistentes. Assim, as estratégias de educação voltadas aos adolescentes precisam transcender a transmissão de dados isolados, promovendo uma compreensão integral sobre os diversos tipos de ISTs, suas vias de transmissão e seus impactos sobre a saúde individual e coletiva (Varnhagen *et al.* 1991; Gonçalves *et al.* 2013; Mostert *et al.* 2020; Silva *et al.*, 2022).

A literatura indica que a educação sexual ainda enfrenta limitações significativas quanto ao alcance, à qualidade e à capacidade de transformar conhecimento em comportamento protetor entre adolescentes. Observa-se que as principais fontes de informação continuam sendo os pares, familiares e, em menor grau, os profissionais de saúde e professores, revelando a persistente lacuna entre o discurso institucional e a prática cotidiana (Silva *et al.*, 2022; Gonçalves *et al.*, 2013). As mães exercem papel central, sobretudo na comunicação com as filhas, enquanto os pais permanecem menos envolvidos, um dado que reforça a importância de políticas públicas que incentivem a participação familiar e promovam capacitação parental (Gonçalves *et al.*, 2013). A escolaridade materna e a educação sexual formal demonstram efeito protetor, mas o conhecimento isolado não se traduz necessariamente em práticas seguras, o que evidencia a necessidade de intervenções mais abrangentes e contextualizadas (Silva *et al.*, 2022).

Nos contextos escolares, embora programas de educação sexual promovam certa disseminação de informação, muitas vezes falham em abordar aspectos emocionais, culturais e de gênero de forma realista e inclusiva (Mostert *et al.*, 2020; Shorey, 2022). Adolescentes relatam deficiências no conteúdo, como confusão entre HIV e AIDS e pouca orientação sobre o uso correto de preservativos, e criticam abordagens centradas apenas na abstinência, que limitam o diálogo e negligenciam temas relevantes como consentimento, diversidade sexual e prazer (Shorey, 2022).

Coletivamente, observa-se uma transição de modelos baseados exclusivamente na abstinência para abordagens mais amplas, interativas e orientadas por direitos, capazes de integrar prevenção, comunicação, equidade e desenvolvimento emocional.

A comunicação aberta entre pais e filhos, especialmente sobre sexualidade, associa-se a comportamentos mais seguros (Shannon & Klausner, 2018), mas essa interação ainda é restrita por fatores culturais, tabus e desigualdades sociais. Determinantes como cor, classe social e experiências adversas na infância aumentam a vulnerabilidade a ISTs, evidenciando que o risco sexual não se resume a escolhas individuais, mas reflete condições estruturais e de acesso aos serviços de saúde (Shannon & Klausner, 2018). Assim, a efetividade das estratégias educativas depende de uma abordagem intersectorial, culturalmente sensível e centrada nas necessidades reais dos adolescentes, integrando família, escola e profissionais de saúde em um ambiente de confiança, diálogo e acolhimento. Esses dados apontam que, para reduzir vulnerabilidades e aumentar a proteção dos adolescentes, é fundamental combinar educação formal, envolvimento familiar, acesso a profissionais de saúde capacitados e ambientes de aprendizagem seguros, acessíveis e acolhedores.

A baixa adesão à testagem para ISTs observada nos estudos evidencia um ponto crítico na prevenção entre adolescentes, refletindo tanto negligência com a própria saúde quanto com a de parceiros (Voyiatzaki *et al.*, 2021). A escassa comunicação sobre infecções prévias, aliada à testagem irregular, reforça lacunas comportamentais significativas que aumentam o risco de transmissão. Esses achados apontam para a necessidade de estratégias educativas que enfatizem a importância da testagem periódica, do rastreamento de contatos e da comunicação aberta sobre histórico sexual, promovendo atitudes responsáveis e redução de práticas de risco entre jovens.

Adicionalmente, os dados de reinfecção e abandono do acompanhamento terapêutico entre adolescentes revelam fragilidades críticas na prevenção e no manejo das ISTs (De Peder *et al.*, 2020). A maior vulnerabilidade masculina, aliada ao comportamento sexual de risco e à utilização irregular de métodos de proteção, evidencia a necessidade de estratégias integradas que promovam não apenas o diagnóstico precoce, mas também o acompanhamento contínuo e o engajamento dos jovens em programas educativos e de suporte, com atenção especial à adesão e à redução da reincidência.

A discussão contemporânea sobre as estratégias educativas evidencia um consenso crescente: programas restritos, centrados na abstinência e descontextualizados da realidade juvenil, são ineficazes na prevenção de ISTs e comportamentos de risco. Estudos recentes reforçam que a ausência de uma educação sexual abrangente, inclusiva e contínua não apenas reduz o uso de métodos de proteção, mas também perpetua desinformações básicas e tabus culturais, como a crença em riscos inexistentes ou o desconhecimento sobre infecções como o HPV e sua relação com o câncer de cabeça e pescoço (Strome *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2022). Essa lacuna informacional é agravada por campanhas restritas a doenças específicas, como HIV e HPV, o que obscurece outras ISTs relevantes, como gonorreia e clamídia, e reforça a necessidade de estratégias educativas integradas, iniciadas precocemente, idealmente antes dos 14 anos, e com envolvimento ativo da família e da escola (Thakor, 2000; Gonçalves, 2013).

A desigualdade de conhecimento entre os gêneros também emerge como um ponto crítico, com mulheres tendendo a apresentar maior compreensão sobre saúde sexual que os homens, o que reflete padrões socioculturais que dificultam o diálogo masculino sobre o tema (Bhandari *et al.*, 2024). No entanto, quando expostos a programas educativos bem estruturados, observa-se rápida evolução do conhecimento e maior motivação para práticas seguras, comunicação com parceiros e desconstrução de mitos. Essa receptividade demonstra que os jovens não rejeitam o tema, mas anseiam por informações confiáveis e mediadas por profissionais capacitados, em espaços livres de julgamento.

As pesquisas comparativas apontam ainda que programas participativos, contínuos e interativos produzem resultados mais sólidos e duradouros do que abordagens pontuais ou moralizantes (Pakarinen *et al.*, 2019; Shorey, 2022). A transição para modelos baseados em direitos, relacionamento e abrangência, em substituição às políticas de abstinência exclusiva, está associada a maior uso de contraceptivos e menor iniciação sexual precoce. Essa constatação é reforçada pelos achados de Atkins *et al.* (2018), que, ao analisarem dados do *Youth Risk Behavior Surveillance System* em 39 estados norte-americanos, demonstraram que políticas de educação sexual abrangentes ou flexíveis, que incluem conteúdo contraceptivo ou permitem adaptação local, têm efeito protetor, reduzindo a proporção de jovens sexualmente ativos e aumentando o uso de métodos contraceptivos, especialmente hormonais. Em contraste, políticas centradas exclusivamente na abstinência

mostraram-se contraproducentes, associando-se a maior início da atividade sexual e menor uso de proteção eficaz.

Essas evidências desconstruem o argumento de que a educação sexual estimularia a promiscuidade; ao contrário, demonstram que programas amplos e participativos promovem conhecimento, responsabilidade e autonomia, contribuindo para o desenvolvimento de uma sexualidade saudável e consciente. Em síntese, a literatura aponta que a eficácia da educação sexual depende menos da quantidade de informação e mais da forma como ela é transmitida, sendo preferíveis práticas com empatia, diálogo e respeito à diversidade. A integração entre escola, família e serviços de saúde, aliada a metodologias participativas e linguagem acessível, é essencial para transformar o conhecimento em comportamento protetor e reduzir as vulnerabilidades que persistem entre adolescentes de diferentes contextos sociais e culturais.

A escassez de estudos que abordam o papel do cirurgião-dentista no contexto das ISTs entre adolescentes é um achado preocupante e revela uma lacuna significativa na literatura científica. Os estudos de Kanmodi (2023) e Samkange-Zeeb (2011) evidenciam a ausência de pesquisas que explorem de forma direta essa interface, apesar da reconhecida importância do tema para a saúde pública. Tal cenário contrasta com o volume expressivo de estudos sobre ISTs em geral e reforça a necessidade de ampliar a atuação e a visibilidade do cirurgião-dentista como agente de promoção da saúde integral, especialmente entre adolescentes, grupo que, segundo a OMS, apresenta crescente vulnerabilidade a essas infecções. (Kanmodi *et al.*, 2023; Samkange-Zeeb *et al.*, 2011; Voyiatzaki *et al.*, 2021; Bhandari *et al.*, 2024).

Embora os adolescentes reconheçam os profissionais de saúde como fontes confiáveis de informação, na prática, o impacto desses profissionais, incluindo o cirurgião-dentista, é limitado (Fernandez, 2012; Svenson, 1992). A escola e a família continuam sendo os principais meios de formação do conhecimento, mas a atuação dos cirurgiões-dentistas, tradicionalmente restrita ao diagnóstico e tratamento de manifestações orais de ISTs, ainda é pouco explorada em ações preventivas e educativas. Considerando que diversas ISTs apresentam sinais na cavidade bucal, como o HPV, a sífilis e o herpes, a presença do dentista nesse processo educativo é não apenas pertinente, mas necessária. Sua atuação deve incluir o esclarecimento sobre formas de transmissão, uso de preservativos, reconhecimento de manifestações orais, importância da testagem e busca precoce por atendimento especializado.



Nesse contexto, a integração entre escola, família e serviços de saúde desponta como estratégia fundamental para a formação de uma sexualidade saudável e consciente. Nesse sentido, o cirurgião-dentista pode atuar tanto na educação em saúde dentro das escolas, quanto na orientação de pais e adolescentes em consultório, além de utilizar materiais educativos e mídias sociais como ferramentas de disseminação.

Uma proposta relevante é o fortalecimento do vínculo entre estágios supervisionados de saúde coletiva dos cursos de graduação em Odontologia e o ambiente escolar, capacitando professores para lidar com temas de sexualidade e prevenção de ISTs. O letramento docente por estudantes de Odontologia ampliaria o alcance das informações corretas e reforçaria o protagonismo do dentista na promoção da saúde no contexto das ISTs. Além disso, é pertinente destacar a importância da inclusão de conteúdos voltados à hebiatria, subespecialidade da pediatria dedicada ao cuidado do adolescente, nas práticas de formação e atenção em saúde, considerando que esse público permanece frequentemente negligenciado. Essa necessidade é respaldada por evidências que apontam a adolescência como uma fase de elevada vulnerabilidade biológica e comportamental, caracterizada pelo desenvolvimento ainda incompleto do córtex pré-frontal, pelo início precoce da vida sexual e pelo uso inconsistente de métodos de proteção (Shannon e Klausner, 2018; Agwu, 2020; Silva *et al.*, 2022).

Assim, a ampliação da atuação do cirurgião-dentista, aliada a programas de educação sexual abrangentes e interdisciplinares, representa uma estratégia promissora para reduzir a incidência de ISTs e suas manifestações orais, promover hábitos sexuais mais seguros e consolidar o conceito de saúde bucal como parte inseparável da saúde integral. O reconhecimento desse papel e o estímulo à produção científica nessa interface são passos essenciais para que a odontologia avance na promoção da saúde dos adolescentes e na prevenção de agravos sexualmente transmissíveis.

## 6 CONCLUSÃO

A análise integrada da literatura evidencia que, embora os adolescentes demonstrem algum grau de conhecimento sobre ISTs, esse saber é frequentemente fragmentado, superficial e desarticulado das práticas cotidianas de prevenção. Persistem lacunas importantes quanto à compreensão das vias de transmissão, ao reconhecimento das manifestações clínicas e à percepção do risco, especialmente em relação a ISTs menos divulgadas. Esse quadro reflete não apenas limitações informacionais, mas também barreiras socioculturais, desigualdades de gênero e falhas estruturais nas estratégias de educação.

Os estudos apontam que a simples transmissão de informações, sem o devido contexto emocional, social e cultural, é insuficiente para provocar mudanças comportamentais efetivas. Programas centrados exclusivamente na abstinência, desprovidos de diálogo e inclusão, mostraram-se ineficazes e, em alguns casos, contraproducentes, aumentando o início precoce da atividade sexual e reduzindo o uso de métodos contraceptivos. Em contrapartida, abordagens abrangentes, interativas e baseadas em direitos se mostraram mais eficazes, ao promoverem o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da responsabilidade compartilhada sobre a sexualidade. A integração entre escola, família e profissionais de saúde emerge, assim, como eixo fundamental para a formação de uma sexualidade saudável e consciente, desde as primeiras fases da adolescência.

Entretanto, a escassez de pesquisas que abordem diretamente o papel do cirurgião-dentista nesse contexto representa uma lacuna notável na literatura. Considerando que diversas ISTs apresentam manifestações orais e que o consultório odontológico constitui um espaço privilegiado de escuta e orientação, o cirurgião-dentista poderia assumir papel estratégico na promoção da saúde sexual e reprodutiva. A atuação educativa desse profissional, tanto em ambiente clínico quanto escolar, pode ampliar o alcance das ações preventivas e contribuir para o fortalecimento da saúde integral do adolescente. A formação acadêmica, por sua vez, ainda carece de maior integração entre conteúdos de saúde coletiva, sexualidade e adolescência, o que reforça a necessidade de inserção sistemática desses temas na graduação e na educação continuada.

Em síntese, o enfrentamento das ISTs entre adolescentes exige uma abordagem intersetorial e multidisciplinar, que una informação qualificada, empatia e

sensibilidade cultural. As políticas públicas devem priorizar programas de educação sexual abrangente, aliados à ampliação do acesso a serviços de saúde acolhedores e à valorização do papel educativo dos profissionais de diferentes áreas, incluindo o cirurgião-dentista. Como passo futuro, destaca-se a urgência de estudos que explorem, de forma aplicada, a efetividade das ações de educação sexual conduzidas por cirurgiões-dentistas, sua inserção nos espaços escolares e comunitários e o impacto dessas práticas na redução das ISTs e na promoção da saúde bucal e geral dos adolescentes. Somente com a ampliação dessa perspectiva será possível consolidar um modelo de atenção integral verdadeiramente comprometido com o desenvolvimento saudável, autônomo e informado das novas gerações.

## REFERÊNCIAS

AGWU, Allison. Sexuality, Sexual Health, and Sexually Transmitted Infections in Adolescents and Young Adults. **Topics in Antiviral Medicine**, v. 28, n. 2, p. 459–462, 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32886466/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

ATKINS, Danielle N.; BRADFORD, W. David. The Effect of State-Level Sex Education Policies on Youth Sexual Behaviors. **Archives of Sexual Behavior**, v. 50, n. 6, 3 fev. 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33537882/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

BHANDARI, Ganesh *et al.* Effectiveness of Social Media-Based Intervention in Intention Change of Adolescents for Promoting Sexual Health Behavior in Western Terai of Nepal. **J Res Health Sci**, v. 24, n. 2, p. e00613, 2024. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11264449/>>. Acesso em: 19 set. 2024.

CARVALHO, Rodolfo Xavier da Costa; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista. Knowledge, attitudes and practices of university adolescents about syphilis: a cross-sectional study in the Northeast. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 120, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/kCbNQ9t8pNqRbrk7b9V6kPL/?lang=en>>. Acesso em: 5 set. 2024.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Youth Risk Behavior Survey, United States, 2023. Atlanta: **CDC**, 2024. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/73/su/pdfs/su7304a7-H.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2025.

DE PEDER, Leyde Daiane *et al.* Prevalence of Sexually Transmitted Infections and Risk Factors Among Young People in a Public Health Center in Brazil: A Cross-Sectional Study. **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**, v. 33, n. 4, p. 354–362, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32087400/>>. Acesso em: 7 out. 2024.

ESERE, Mary Ogechi. Effect of Sex Education Programme on at-risk sexual behaviour of school-going adolescents in Ilorin, Nigeria. **African Health Sciences**, v. 8, n. 2, p. 120–125, 2008. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19357762/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

FERNANDEZ, Alejandro Fdragas; SANCHEZ, Maydelín Valdes; MACHIN, Luis Manuel Fernandez. Caracterización del nivel de información sobre ITS/VIH/sida en adolescentes de la escuela secundaria básica "José Luis Arruñada". **Rev Cubana Med Gen Integr**, Havana, v. 28, n. 1, p. 15–25, 2012. Disponível em: <[http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-21252012000100003&lang=pt](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-21252012000100003&lang=pt)>. Acesso em: 5 set. 2024.

GONÇALVES, Helen *et al.* Conhecimento sobre a transmissão de HIV/AIDS entre adolescentes com 11 anos de idade do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de**

**Epidemiologia**, v. 16, n. 2, p. 420–431, jun. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000200017>>. Acesso em: 26 set. 2025.

HASEGAWA, S *et al.* Questionnaire survey of AIDS examination recipients at government-run public health center regarding AIDS awareness promotion and HIV examinations. **Nihon Koshu Eisei Zasshi**, v. 43, p. 276–85, 1996. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8672808/>>. Acesso em: 24 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Panorama do Censo 2022. Disponível em: <[https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal)>. Acesso em: 2 out. 2024.

KANMODI, Kehinde Kazeem *et al.* Preventative interventions by dental care professionals in Africa on oral human papillomavirus, gonorrhoeal, chlamydial, syphilitic and trichomonas infections: A scoping review. **Health Science Reports**, v. 6, n. 5, p. e1246, 2023. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10154845/>>. Acesso em: 19 set. 2024.

LAUNIALA, Annika. How much can a KAP survey tell us about people's knowledge, attitudes and practices? Some observations from medical anthropology research on malaria in pregnancy in Malawi. **Anthropology Matters Journal**, v. 11, n. 1, p. 1–13, 2009. Disponível em: <[https://anthropologymatters.com/index.php/anth\\_matters/article/view/31](https://anthropologymatters.com/index.php/anth_matters/article/view/31)>. Acesso em: 24 out. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>>. Acesso em: 2 out. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde do Adolescente e Jovens. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente>>. Acesso em: 10 out. 2024.

MONTE, Luiza C. *et al.* Sexual behavior and risk practices among Brazilian adolescents: a national school-based survey. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 2, e03342023, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050010>>

MOSTERT, Karien *et al.* Sexual knowledge and practice of adolescent learners in a rural South African school. **African Health Sciences**, v. 20, n. 1, p. 28–38, 1 mar. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33402889/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

NEWMAN, Lori *et al.* Global Estimates of the Prevalence and Incidence of Four Curable Sexually Transmitted Infections in 2012 Based on Systematic Review and Global Reporting. **PLOS ONE**, v. 10, n. 12, p. e0143304, 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26646541/>>. Acesso em: 7 out. 2024.

PAKARINEN, Marja *et al.* Attitudes, knowledge and sexual behavior among Finnish adolescents before and after an intervention. **Health Promotion International**, v. 35, n. 4, p. 821–830, 22 ago. 2019. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31436843/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

SAMDAL, Oddrun *et al.* Health behaviour in school-aged children (HBSC) study: international report from the 2013/2014 survey. Copenhagen: **World Health Organization Regional Office for Europe**, 2016. Disponível em: <<https://www.ssph-journal.org/journals/international-journal-of-public-health/articles/10.3389/ijph.2025.1608136/full>>. Acesso em: 24 out. 2025.

SAMKANGE-ZEEB, Florence N. *et al.* Awareness and knowledge of sexually transmitted diseases (STDs) among school-going adolescents in Europe: a systematic review of published literature. **BMC Public Health**, v. 11, p. 727, 2011. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21943100/>>. Acesso em: 5 set. 2024.

SÁNCHEZ, Zila van der Meer *et al.* Sexual behavior among high school students in Brazil: alcohol consumption and legal and illegal drug use associated with unprotected sex. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, supl. 3, p. S89–S96, 2013. Disponível em: <[https://doi.org/10.6061/clinics/2013\(04\)09](https://doi.org/10.6061/clinics/2013(04)09)>. Acesso em: 24 out. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa H. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227–234, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/?lang=pt>>. Acesso em: 7 out. 2024.

SHANNON, Christine L.; KLAUSNER, Jeffrey D. The growing epidemic of sexually transmitted infections in adolescents. **Current Opinion in Pediatrics**, v. 30, n. 1, p. 137–143, 1 fev. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29315111/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

SHOREY, Shefaly; CHUA, Chee Ming S. Perceptions, Experiences, and Needs of Adolescents About School-Based Sexual Health Education: Qualitative Systematic Review. **Archives of Sexual Behavior**, v. 52, 29 dez. 2022. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36581711/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

SILVA, Carlos Franclim *et al.* Young People Awareness of Sexually Transmitted Diseases and Contraception: A Portuguese Population-Based Cross-Sectional Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 21, p. 13933, 1 jan. 2022. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36360810/>>. Acesso em: 26 set. 2025.

STROME, Arianna *et al.* Youths' Knowledge and Perceptions of Health Risks Associated With Unprotected Oral Sex. **The Annals of Family Medicine**, v. 20, n. 1, p. 72–76, 1 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.annfammed.org/content/20/1/72>>. Acesso em: 26 set. 2025.

SVENSON, Lawrence W. *et al.* Rural high school students' knowledge, attitudes and behaviours related to sexually transmitted diseases. **Canadian Journal of Public Health**, v. 83, n. 4, p. 260–263, 1992. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1423104/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

THAKOR, Hitendrasinh G.; KUMAR, Predeep. Impact assessment of school-based sex education program amongst adolescents. **The Indian Journal of Pediatrics**, v. 67, n. 8, p. 551–558, 2000. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10984993/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

TUDDENHAM, Susan; HAMILL, Megan M.; GHANEM, Khalil G. Diagnosis and treatment of sexually transmitted infections: a review. **JAMA**, v. 327, n. 4, p. 341–354, 2022. DOI: 10.1001/jama.2021.23487. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35015033/>>. Acesso em: 24 out. 2025.

VARNHAGEN, Connie K. *et al.* Sexually transmitted diseases and condoms: high school students' knowledge, attitudes and behaviours. **Canadian Journal of Public Health**, v. 82, n. 2, p. 129–132, 1991. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1892493/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

VOYIATZAKI, Chrysa *et al.* Awareness, Knowledge and Risky Behaviors of Sexually Transmitted Diseases among Young People in Greece. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 19, p. 10022, 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34639324/>>. Acesso em: 19 set. 2024.

WIHLFAHRT, Kristina *et al.* Sexually transmitted diseases — an update and overview of current research. **Diagnostics**, v. 13, n. 9, p. 1656, 2023. DOI: 10.3390/diagnostics13091656. <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37175047/>>. Acesso em: 24 out. 2025.

WILDE, Oscar. O Retrato de Dorian Gray. São Paulo: **Penguin Classics Companhia das Letras**, 2012. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85056.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Sexually transmitted infections (STIs) – Fact sheet. Geneva: **World Health Organization**, 2025. Disponível em: <[https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis))>. Acesso em: 24 out. 2025.